
Reflexões sobre a comunicação não violenta e a juventude¹

Reflections on nonviolent communication and youth

Maria Cristiane Lopes da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2800-5634>

Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC), Universidade Federal do Ceará e Laboratório de Estudos da Conflitualidade e da Violência da Universidade Estadual do Ceará (COVIO/UECE), Brasil

E-mail: crisneto19@gmail.com

Lillian Virgínia Carneiro Gondim

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4005-3961>

Instituto de Ensino Superior: Secretaria da Proteção Social do Estado do Ceará (SPS), Universidade Paulista (UNIP) e Laboratório de Estudos da Conflitualidade e da Violência da Universidade Estadual do Ceará (COVIO/UECE), Brasil

E-mail: lillian.gondim85@gmail.com

Sanymerly Silva dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9348-1736>

Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME) e Laboratório de Estudos da Conflitualidade e da Violência da Universidade Estadual do Ceará (COVIO/UECE), Brasil

E-mail: sanymerlysilva@gmail.com

RESUMO

A Comunicação Não Violenta é um modo de ser, pensar e viver a compaixão humana. É acima de tudo uma forma de conexão compassiva. Ela surgiu a partir das preocupações do psicólogo Marshall Rosenberg que nos seus longos anos de estudos e pesquisas buscou compreender os comportamentos violentos e compassivos diante de uma mesma situação. Assim, partindo de tal conhecimento, o objetivo deste artigo é apresentar breves considerações da Comunicação Não Violenta (CNV) como um método dialógico e sua relação com a juventude, favorecendo, sobretudo, a comunicação empática, integrativa e participativa do protagonismo juvenil. Considera-se como trajetória a pesquisa bibliográfica com um autor de referência e outros que também refletem sobre as suas discussões. Enfim, este estudo não virá com resultados ao final, ele aborda questões que não foram aqui exauridas, mas para ficarem as indagações desafiadoras para futuras reflexões e estudos referentes ao tema.

Palavras-chave: Comunicação Não Violenta; Método de diálogo; Juventude.

ABSTRACT

Nonviolent Communication is a way of being, thinking and living human compassion. It is above all a form of compassionate connection. It arose from the concerns of psychologist Marshall Rosenberg, who in his long years of studies and research sought to understand violent and compassionate behavior in the face of the same situation. Thus, based on this knowledge, the objective of this article is to present brief

¹. Trabalho apresentado no Evento do “III Seminário Internacional Juventudes e Desigualdades”, realizado no período de 12 a 14 de dezembro de 2022, no Instituto Federal de Educação do Piauí-IFPI, Teresina - PI, com o título de “Breve consideração sobre a comunicação não violenta (CNV) como método de diálogo com a juventude”. Este artigo tem algumas reflexões a mais do trabalho apresentado no Seminário.

considerations of Non-Violent Communication (NVC) as a dialogical method and its relationship with youth, greatly favoring empathic, integrative and participatory communication of youth protagonism. Bibliographical research with a reference author and others who also reflect on their discussions is considered as a trajectory. Anyway, this study will not come with results at the end, it addresses issues that were not exhausted here, but to remain challenging questions for future reflections and studies on the subject.

Keywords: Non-Violent Communication; Dialogue method; Youth.

INTRODUÇÃO

A Comunicação Não Violenta (CNV) é um método de ser, pensar e viver com o objetivo de conectar as pessoas para além dos códigos de comunicação. A CNV originou-se a partir das preocupações do psicólogo Marshall Rosenberg que durante a sua trajetória de vida inquietou-se diante da seguinte problemática: “Por que algumas pessoas parecem gostar de ver o sofrimento dos outros, enquanto outras parecem ser justamente o contrário?” (ROSENBERG, 2019, p. 7).

Em outras palavras, sua inquietude foi entender o que leva alguns indivíduos a se comportarem de forma violenta e outros serem compassivos apesar de o contexto ser violento. Rosenberg (2006) conta que suas questões surgiram pela própria experiência de vida que desde criança, morando em um território violento nos Estados Unidos, Detroit, vivenciou muitos atos violentos e sofreu agressões na escola onde estudava por ser judeu.

Para refletir sobre as preocupações por ele postas, baseou-se na fundamentação teórica em Gandhi para a compreensão da expressão “não-violência”, no que diz respeito à essência da natureza humana compassiva embora em situações adversas. E isso não é algo de outro mundo, pelo contrário, as pessoas fazem parte de uma teia de interdependência como condição do processo civilizador que as mantém relacionadas umas com as outras, são sujeitos sociais dependentes entre si (ELIAS, 1994).

De acordo com Pelizzoli (2019, p. 36), a Comunicação Não Violenta é “mais do que uma técnica, a CNV é uma potencialização da sabedoria das relações humanas, na qual barreiras linguísticas e psicológicas são derrubadas e onde se aprende a ouvir a falar com o coração”. É um modo de possibilitar uma relação de compaixão consigo e com o outro, escutando os sentimentos e as necessidades humanas.

E como no processo de formação da humanidade constrói-se socialmente numa cadeia de interdependência, não estando fora desta relação às influências de cultura de guerra, de conflitos sociais, Rosenberg buscou, assim, disseminar uma comunicação

acolhedora e conectada ao coração compassivo, tornando os relacionamentos mais compreensivos e com a capacidade de continuarmos humanos apesar das controvérsias e dilemas sociais.

Vale ressaltar que a comunicação é um dos principais fatores que contextualiza as relações das pessoas em seus diversos ambientes. Segundo Bittencourt (2014), numa mesma sociedade as pessoas têm suas culturas, idades, etnias, gerações, tradições e costumes diferentes, assim também ocorre na comunicação, pois interesses, sentimentos e necessidades são diferentes de se interpretar.

Rosenberg (2006) com seu pensamento e suas experiências acabou suscitando a adesão de inúmeras pessoas a trabalharem utilizando o modo de ser da Comunicação Não Violenta. Contudo, não deixa de reconhecer a complexidade dessa comunicação e a necessidade do seu exercício contínuo. Argumenta que a CNV significa um lembrete para as pessoas se entregarem com compaixão em relação ao outro e com o outro, ou seja, “o que almejo em minha vida é compaixão, um fluxo entre mim e os outros com base numa entrega mútua, do fundo do coração” (ROSENBERG, 2006, p. 23).

Dessa maneira, falar em Comunicação Não Violenta, neste artigo, objetiva apresentar breves considerações da CNV como um método dialógico e sua relação com a juventude. Partindo da ideia que juventude é uma construção social a partir de uma heterogeneidade múltipla de enxergar os jovens na sociedade atual (ESTEVES, ABRAMOVAY, 2008).

TRILHA METODOLÓGICA

Como trajetória metodológica optou-se por uma pesquisa bibliográfica, por meio de uma análise da literatura do norte-americano Marshall Rosenberg e dos teóricos que partiram do seu pensamento. Como diz Becker (2007), para trazer as considerações a respeito de um tema, é preciso partir dos teóricos que estão fora ou dentro dele, entender a partir deles para não fazer formulações abstratas.

Dessa forma, esse é o truque para pensar a CNV, partindo das formulações que se fazem e se discutem em torno dela, é um exercício teórico de aproximação dos dados e discussões pertinentes. É uma maneira de sair da zona de conforto e trazer reflexões para o assunto, porque o truque é sugerir “maneiras de virar as coisas ao contrário, de vê-las de outro jeito, para criar novos problemas a pesquisar, novas possibilidades de comparar casos e inventar novas categorias e assim por diante” (BECKER, 2007, p. 20).

Escolher trabalhar com uma pesquisa bibliográfica é entendê-la como sendo um “levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (FONSECA, 2002, p. 32). Não deixa de ser uma forma capaz de estar junto com as discussões e considerações acerca do objeto.

Sendo assim, um percurso metodológico que exige uma leitura minuciosa das referências publicadas, sem a ideia de fechar pensamentos e discussões, mas suscitar reflexões e olhares da CNV com a aproximação da categoria juventude.

O PROCESSO DA CNV

Se nos ativermos aos princípios da CNV, motivados somente a dar e a receber com compaixão, e fizermos tudo que pudermos para que os outros saibam que esse é nosso único interesse, eles se unirão a nós no processo, e acabaremos conseguindo nos relacionar com compaixão uns com os outros. Não estou dizendo que isso sempre aconteça rapidamente. Afirmo, entretanto, que a compaixão inevitavelmente floresce quando nos mantemos fiéis aos princípios e ao processo da CNV (ROSENBERG, 2006, p. 24).

Conforme Rosenberg (2006), a lógica da CNV concerne num processo que exige habilidades de comunicação e pensamento, permitindo dar e, ao mesmo tempo receber com compaixão. Entendendo a compaixão como uma das necessidades humanas universais que conectam as pessoas, independente de qualquer contexto e quaisquer situações, reforçando assim, a prática da empatia para uma compreensão conectada com os sentimentos e necessidades entre as pessoas.

Rosenberg (2019) afirma que é necessário reformular a maneira de se expressar e escutar de forma automática, mecânica e repetitiva. Com a consciência e clareza da situação, de escutar e falar de fato com outro, de perceber o que ele quer dizer, o que tem a argumentar. E a CNV permite esse processo, deixando de lado os julgamentos, as críticas, os ‘pre’ julgamentos, e os ‘pre’ conceitos, um modo que necessita:

1. expressar nossas necessidades; 2. enxergar as necessidades dos outros, independentemente do modo como se expressam; 3. verificar se as necessidades foram compreendidas com exatidão; 4. oferecer à empatia de que as pessoas precisam para ouvir as necessidades dos outros; e 5. traduzir as soluções ou estratégias propostas para uma linguagem de ação positiva (ROSENBERG, 2019, p. 13).

Na escrita parece ser fácil esse modo de agir, mas existem atropelos reais para a prática cotidiana que fogem a realidade das pessoas, e por vezes impossibilitam o

exercício da CNV. A comunicação entre as pessoas têm diversas formas como a linguagem oral e escrita que parece ser fácil ao se expressar, mas que na verdade, pode cometer interpretações violentas que no cotidiano remete-se às informações de racismo, violação contra a mulher e tantas outras comunicações que submetem a uma realidade como as civilizações passadas convivam com atitudes violentas como se fossem hábitos normais, e por vezes, impossibilitam o exercício da CNV.

Por um lado, não estamos acostumados a reconhecermos nossas próprias necessidades, tampouco a do outro; no entanto, quando se tem a noção das necessidades, é um desafio expressá-las, porque boa parte das vezes, há ausência de uma “alfabetização”² emocional voltada para o reconhecimento das necessidades e sentimentos (ROSENBERG, 2019). Que na maioria das vezes, são utilizadas uma comunicação violenta, por falta das necessidades não atendidas, assim, “infelizmente, descobri que pouquíssimas pessoas são ensinadas a expressar as próprias necessidades, em vez disso, somos ensinados a criticar, insultar e nos comunicarmos de um modo que nos distancia uns dos outros” (ROSENBERG, 2019, p. 14).

A depender da ocasião ou do acontecimento social as pessoas assumem uma determinada atitude valorativa que possibilita ou impossibilita os julgamentos moralizantes, aqueles presos na referência pessoal do que os indivíduos associam/atribuem em relação ao outro e até a si mesmo, e que possam sufocar as reais necessidades que estão nas entrelinhas da comunicação. E isso faz sentido, na visão de Goffman (2012), devido ao quadro da experiência social a que os indivíduos estão sujeitos, servindo de referência ou parâmetro para julgar os comportamentos alheios.

Para Rosenberg (2019), nomear ou expressar as necessidades por meio da linguagem exige conectar-se consigo e com o outro, estabelecendo-se de forma compassiva, a partir do reconhecimento que o outro é gente com fragilidades e potencialidades, sem ter perfeição. Isso quer dizer que, tem uma pluralidade de sensações, de ideias, de gostos e de desgostos, que mesmo divergentes, necessitam serem escutadas e respeitadas. Só assim, poderá acontecer, o que ele chama de “cooperação genuína”, em que as pessoas passam a confiar que suas necessidades serão respeitadas e abrem-se para o diálogo.

² Compreendida como educação voltada para o aprendizado emocional de nomeação e interpretação dos sentimentos e necessidades, confluindo com Goleman (2012, p. 278) ao afirmar que o “aprendizado não pode ocorrer de forma distante dos sentimentos das crianças, ser emocionalmente alfabetizado é tão importante na aprendizagem quanto a matemática e a leitura”.

Consoante Pelizzoli (2012), vivenciar a CNV nesses pontos levantados é uma tomada de consciência, de construção de humanidade, e isso está para além de uma comunicação rebuscada e linguística. É estar aberto de coração para as possibilidades de conexões e entendimentos, independente de qualquer coisa. E isto pode ser visto como algo vantajoso nos relacionamentos, porque é “haurindo valores, necessidades, emoções e pedidos essenciais que os seres humanos têm para viver, além de necessidades materiais, ela faz-se essencial em qualquer âmbito social e mesmo em contextos de crise e desestruturação” (PELIZZOLI, 2012, p. 7).

Para o processo da CNV são necessários a prática dos componentes estruturantes:

OBSERVAÇÃO: refere-se às situações que estamos observando e vivenciando e que afetam nosso bem-estar; **SENTIMENTO:** refere-se a como nos sentimos perante aquilo que estamos observando; **NECESSIDADES:** refere-se às necessidades (valores, desejos etc.) relacionadas aos sentimentos identificados; **PEDIDO:** refere-se às ações concretas que pedimos para outra pessoa com o intuito de enriquecer nossa vida (MPPI, 2020, p. 6, grifo das autoras).

Rosenberg (2006) reconhece que a prática desses elementos não é algo fácil, pois exige um esforço consciente e rotineiro. O primeiro componente, a observação, consiste em observar sem nenhum julgamento ou avaliação prévia, ou seja, é ver de fato como se fosse uma imagem captada por uma câmera, sem nenhuma distorção ou correção do que está sendo visto (MORRISON, 2019).

Nas palavras de Rosenberg (2006, p. 50), a observação acarreta “necessariamente separar observação de avaliação”, no sentido de ver com clareza, longe de quaisquer formas de generalizações ou formulações preconcebidas. O autor afirma que não é fácil observar sem julgamentos ou avaliações associadas ao comportamento das pessoas. E como fazer então? Como exercitar a observação sem uma avaliação associada?

Primeiramente, é preciso distinguir observações de avaliações, e um dos caminhos é o cuidado de evitar palavras que expressam o exagero da linguagem, como por exemplo: sempre, nunca, jamais, frequentemente, etc (ROSENBERG, 2006). Que levam ações defensivas ao invés de compaixão e conexão. Para o MPPI (2020, p. 7), separar observar de avaliar tem a ver com:

1. Separar os fatos concretos – aquilo que aconteceu e é visível aos nossos olhos do que eu penso e acho sobre os fatos; 2. Escutar e/ou ver o comportamento do outro sem criar uma avaliação ou imagem errônea daquele sujeito; 3. Ter atenção e esperar o momento certo para falar, ou seja, ser sensível ao contexto.

Porém, a vida na metrópole, como diz Simmel (1973), exige dos indivíduos um ritmo diferente para manter-se na lógica da economia monetária³, sendo mais individualista e competitiva, não sobrando tempo para as questões de sensibilidade. Ou seja, “todas as relações emocionais íntimas entre pessoas são fundadas em sua individualidade, ao passo que, nas relações racionais, trabalha-se com o homem como um número, como um elemento que é em si mesmo indiferente” (p. 13).

Nesse raciocínio, é perceptível que exercitar o observar sem preconceções e julgamentos moralizantes incorre para imagens distorcidas e avaliações negativas, complicando-se o processo de uma comunicação não violenta. Mas, diante disso, a CNV compreende, inicialmente, uma abertura para outros olhares e possibilidades, disposto a caminhar a partir de uma lógica contrária à economia monetária. Não no sentido de negar essa economia, que todos estão internamente imbricados, contudo, não perder de alcance que é possível exercitar outros olhares para consigo e com o outro, porque “a CNV é o idioma da compaixão [...] é uma linguagem da vida na qual a compaixão surge naturalmente” (ROSENBERG, 2019, p. 7).

O segundo componente se refere aos sentimentos, significa compreender a expressão dos sentimentos que estão por trás das palavras, porque nem sempre o que se diz expressa o que as pessoas estão sentindo. Até porque na sociedade capitalista não é fácil se posicionar demonstrando os sentimentos por ser uma maneira de apresentar as fragilidades humanas. Elias (1994) fala sobre isto como sendo um tipo de controle dos sentimentos para a moldagem ao processo civilizador para a figuração do social.

Portanto, expressar os sentimentos ou nomeá-los é uma realidade bastante complexa, já que não existe uma educação voltada para esse exercício, visto como fraqueza ou expressão de vulnerabilidade. Assim, afirma Rosenberg (2006, p. 76), “desenvolver um vocabulário de sentimentos que nos permita nomear ou identificar de forma clara e específica nossas emoções nos conecta mais facilmente uns com os outros”.

Para Morais e Pelizzoli (2011), aprender a dialogar sobre os sentimentos e expressá-los é algo bastante importante para o crescimento humano e a conexão com os outros, sabendo que não é nada fácil tomar consciência disso. Há, conforme Rosenberg (2019), um desafio de identificar e expressar os sentimentos, principalmente devido à

³ “economia monetária” é uma terminologia utilizada pelo sociólogo Simmel para definir o modo do sistema capitalista que beneficia a sociedade de consumo, sobressaindo-se nas relações de convivência que privilegia a individualidade e a competitividade sem reter espaço para as questões emocionais e sensíveis ao ser humano.

confusão que se faz em distinguir sentimentos de pensamentos, ou melhor, de fazer a diferença entre o que se sente e o que se pensa para expressar com palavras. De acordo com Rosenberg (2006, p. 72),

ao expressar nossos sentimentos, seria muito útil se utilizássemos palavras que se referem a emoções específicas em vez de palavras vagas e genéricas. Por exemplo, se dissermos ‘sinto-me bem a esse respeito’, a palavra bem pode significar alegre, excitado, aliviado ou várias outras emoções. Palavras como bem ou mal impedem que o ouvinte se conecte facilmente ao que podemos de fato estar sentindo.

Com isso, o autor revela peripécias que dificultam identificar e expressar os sentimentos, apesar de perceber que faz parte do processo da CNV, que se constrói cotidianamente de forma consciente. Já o terceiro componente, as necessidades, que vem após a observação e a identificação dos sentimentos, também não é fácil identificar e tampouco expressá-los.

Sobre as necessidades, assim como os sentimentos, também não se é alfabetizado para expressar o que necessitamos, ficando difícil seu próprio reconhecimento. Por outro lado, ensina-se a fazer críticas, a insultar, uma comunicação que afasta consideravelmente as pessoas longe de qualquer consideração e compaixão possível (ROSENBERG, 2019).

As necessidades são coladas aos sentimentos, porque a maioria das necessidades básicas satisfazem o bem-estar, provocam sentimentos de satisfação, e quando negadas fomentam insatisfações. Quando isso ocorre há uma comunicação violenta, destrutiva, ferindo as necessidades e os sentimentos do outro, negando a condição de um diálogo seguro e compassivo (PELIZZOLI, 2012).

Sendo assim, é necessário definir e expressar as necessidades de si e do outro, verificar se foram compreendidas, a partir da cooperação genuína que nasce na confiança que as necessidades serão respeitadas e levadas em consideração (ROSENBERG, 2019). Portanto, o importante é contribuir na construção de diálogos que estejam em sintonia os sentimentos com as necessidades, não no sentido de concordar ou discordar o que se escuta, mas entrar em concordância com o que tem por trás da fala, à necessidade que estar nas entrelinhas do diálogo.

No quarto componente, o pedido, refere-se a verbalização do desejo diante do que se observou, do sentimento que foi gerado pela observação e da necessidade sentida. O pedido precisa ser claro, mas não no tom de exigência, porque isso afasta a compaixão e a conexão humana, por entender que pedido é diferente de exigência, ou seja,

Os pedidos geralmente são percebidos como exigências quando os ouvintes acreditam que serão culpados ou punidos se não os atenderem.

Uma forma de perceber se é um pedido ou uma exigência é observar qual a reação do solicitante caso o pedido não tenha sido atendido. Uma reação típica do solicitante quando se trata de uma exigência é que ele tenta fazer a outra pessoa sentir-se culpada. Já os pedidos indicam um desejo, mas respeitam o outro dando-o a liberdade de realizar ou não (MPPI, 2020, p. 12).

Por assim dizer, os pedidos quando feitos sem nenhuma forma de exigência, de maneira clara e compreensiva tem uma recepção empática e uma escuta compassiva, garantindo a possibilidade de conexão e entendimento entre as pessoas. Desse modo, o processo da CNV não é um método de mudar as pessoas, mas um modo de construir relacionamentos pautados na compaixão e na linguagem de coração.

A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA (CNV) E A JUVENTUDE

Que discussão pode ser construída entre a CNV e a juventude? Primeiramente, a CNV pode ser um grande aliado para a interação com a juventude, compreendida a categoria juventude como uma construção social, melhor dizendo,

a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção esta na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, referências múltiplas, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc (ESTEVEES, ABRAMOVAY, 2008, p. 4).

Nessa perspectiva, a CNV pode ser vista como um dos métodos possíveis e viáveis para a construção de diálogos e sociabilidades com e entre a juventude. Na medida em que se utilizam os componentes estruturantes para a conversa, iniciando com a observação sem avaliação e sem julgamentos moralizantes, constrói-se nesse sentido pontes de relacionamentos e aproximação com a juventude.

Em concordância que a CNV possibilita a construção de espaço empático e acessível para as discussões com os jovens e entre eles, MASCAGNI (2021, p. 30) argumenta que os resultados

obtidos com a aplicação dessa metodologia ao longo dos anos, e nos diversos setores em que foi inserida, demonstraram sua inegável relevância e potencialidade em promover mudanças efetivas e positivas nos modos de as pessoas se relacionarem e se comunicarem.

Então, é inegável sua contribuição na promoção de uma comunicação assertiva, nas quais o diálogo e a escuta são privilegiados no sentido de garantir a empatia, o respeito, valores estes sendo negados muitas vezes nas conversas cotidianas, não só com a juventude, mas entre os demais indivíduos.

Que pena que a disseminação da CNV é ainda muito restrita, não chegou ainda em diversos espaços, tampouco nas instituições educacionais. E quando contempladas em projetos escolares, tomando como referência as escolas públicas cearenses, vem ancorada nas abordagens restaurativas e na técnica da mediação de conflitos, como alternativas de fortalecer a educação para a paz, sem fazer parte da proposta curricular.

percebe-se que no contexto escolar brasileiro a CNV tem sido apenas timidamente acolhida, ficando restrita a iniciativas isoladas e, em geral, pouco sistematizadas. As buscas que fizemos sobre o assunto nos permitiram verificar que faltam projetos sistematizados de aplicação da CNV no ambiente escolar que estabeleçam uma correlação mais aprofundada com os objetivos pedagógicos determinados para as diferentes áreas do currículo (MASCAGNI, 2021, p. 31).

Portanto, associar a CNV na educação para a juventude pode-se dizer que são ganhos para o processo educativo e para a sociabilidade. Visto que para o método da CNV, a violência se resume na ausência das necessidades não atendidas, nos sentimentos não reconhecidos e nos pedidos não levados em consideração (ROSENBERG, 2006).

Por assim dizer, os componentes que fazem parte do método da CNV de uma maneira ou de outra é um convite a romper paradigmas, pois “ênfatiza que a motivação para agir é a compaixão - e não o medo, a culpa, a vergonha, a censura, a coerção ou a ameaça de punição” (ROSENBERG, 2019, p. 10).

Será que dessa maneira o diálogo com a juventude não seria mais promissor? Melhor dizendo, porque não discutir a contribuição da CNV na relação com a juventude? Como fazer para que a CNV chegue nas escolas com efetividade? Em que medida, as instituições e os espaços escolares que lidam com a juventude podem incluir a CNV como método de diálogo? Enfim, são questões que ainda não tem respostas, pelo menos, nas discussões aqui exauridas, contudo, ficam como indagações desafiadoras para futuras reflexões.

BREVES CONSIDERAÇÕES

O presente estudo utilizou-se da literatura do norte-americano Marshall Rosenberg e de teóricos que contribuíram com o seu pensamento. Dessa forma, o objetivo desta discussão foi apresentar breves considerações da CNV como um método dialógico e sua relação com a juventude.

Considerando que os elementos da composição da CNV, sendo a observação, a identificação dos sentimentos e necessidades e a validação do pedido, pode-se compreender que a comunicação não violenta visa, no diálogo sem julgamento de

pensamento ao ato ou à pessoa, a fim de estabelecer uma boa comunicação com a juventude, favorecendo a expressão de sentimentos e necessidades, estabelecendo confiança nas suas relações.

Observar o contexto da situação, remete a possibilidade de abranger a escuta para que seja propício auxiliar a identificar em uma melhor percepção, os sentimentos e as necessidades dos jovens. A forma como se relacionam e buscam os seus interesses, diante de apoio, trocas de conhecimentos e dar atenção, pode fortalecer a construção de se firmar em sua existência e pertencimento em grupos que valorizam seu escutar e o seu pedido.

Para Rosenberg a CNV envolve destreza no exercício da comunicação e do pensamento, que permeia as relações humanas. É um método que compreende a relação de comunicação entre os indivíduos, propondo reflexões para além dos códigos linguísticos. A CNV suscita nas pessoas o desejo de difundir um comportamento compassivo na comunicação com o outro. Mesmo diante de problemas oriundos das relações sociais, é possível a utilização desse modo de ser, pensar e viver como forma de superar os conflitos e prevenir a violência no âmbito da juventude.

Portanto, a relação da CNV com a juventude suscita indagações que não foram exauridas nesta discussão, mas ficam como provocações para estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BITTENCOURT, Dênia Falcão de. et al. **Processos da Gestão de Pessoas**: livro didático. Dênia Falcão de Bittencourt, Ademar Dutra, Alessandra Oliveira, Dâmaris de Oliveira Batista da Silva; design instrucional Lis Airê Fogolari. Palhoça: Unisul Virtual, 2014. 138 p.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história de costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, vol.1.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil. ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. *VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes Práticos*, Lisboa, 25 a 28 de junho de 2008.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Tradução de Gentil A. Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MASCAGNI, Izidoro Wilson. A Comunicação Não Violenta e as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular. *Revista Educação, Batatais*, v. 11, n. 1, p. 27-39, jan./jun. 2021.

MORAIS, Maria C. F.; PELIZZOLI, M. L. Comunicação Não-violenta (CNV): uma ética prática pela resolução de conflitos e empatia. In: **Homo Ecologicus**. Editora: UCS 2011.

MORRISON, Jean. **A linguagem da girafa**: um passeio divertido pelos fundamentos da comunicação não violenta. Tradução de Laura Claessens. São José dos Campos: Colibri, 2019.

MPPI. **Guia prático para a comunicação não violenta**. Ministério Público do Estado do Piauí. Comitê de Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho. Teresina, PI, 2020.

Pelizzoli, M.L. **Diálogo, mediação e cultura de paz**. Recife: Ed. da UFPE, 2012.

ROSENBERG, Marshall B. **Vivendo a comunicação não violenta**. Tradução de Beatriz Medina. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006.